

FORMAS ATUAIS DO INCÊNDIO

CURRENT FORMS OF THE FIRE

LAS FORMAS ACTUALES DEL INCENDIO

Luiz Moreno Guimarães Reino¹**LIVRO: PAIXÃO E LOUCURA NOS LIMITES DA CLÍNICA PSICANALÍTICA****AUTORA: BERTA HOFFMANN AZEVEDO****EDITORIA: BLUCHER, 2025, 232 P.**

Resumo: Passando por situações clínicas, trechos literários e fenômenos sociais, a autora tem como fio condutor “a loucura do Eu tomado pelas paixões”. Quais são as formas atuais desse fenômeno? E como analisá-las? Em seu percurso, contribui para aquilo que Freud considerava um dos pontos mais difíceis da clínica: o manejo da transferência em situações passionais.

Palavras-chave: Paixão. Loucura. Transferência. Psicanálise contemporânea.

Abstract: Ranging across clinical situations, literary excerpts, and social phenomena, the author's guiding thread is “the madness of the Ego seized by the passions.” What are the current forms of this phenomenon? And how can we analyze them? In her journey, she contributes to what Freud considered one of the most difficult points in clinical practice: the management of transference in passionate situations.

Keywords: Passion. Madness. Transference. Contemporary psychoanalysis.

Resumen: Recorriendo situaciones clínicas, fragmentos literarios y fenómenos sociales, la autora tiene como hilo conductor “la locura del Yo tomado por las pasiones.” ¿Cuáles son las formas actuales de este fenómeno? ¿Y cómo analizarlas? En su recorrido, contribuye a lo que Freud consideraba uno de los puntos más difíciles de la clínica: el manejo de la transferencia en situaciones pasionales.

Palabras clave: Pasión. Locura. Transferencia. Psicoanálisis contemporáneo.

O texto *Observações sobre o amor de transferência* (de Freud, de 1915) é repleto de analogias. Uma das mais interessantes é a primeira. Ela surge em um momento em que Freud quer dar ao leitor a dimensão da intensidade da paixão que surge na transferência — tamanha que ocorre uma abrupta alteração do cenário analítico. A paciente que antes se mostrava interessada no tratamento e sensível às intervenções do analista passa, de repente, a assumir uma postura desinteressada, limitando-se a demandar amor. É nesse momento que surge a

¹ Doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Membro filiado do Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).
ORCID: 0009-0004-4688-6051. E-mail: luizmorenog@gmail.com

analogia: “como quando uma brincadeira dá lugar a uma realidade que irrompe inesperadamente, como um grito de ‘Incêndio!’ lançado no meio de uma apresentação” (Freud, 2010, p. 214).

Ao terminar a leitura do livro de Berta Hoffmann Azevedo, o que primeiro me ocorre é que essa imagem é mais ampla do que eu inicialmente imaginava. O grito de incêndio se manifesta de várias formas no consultório e na cultura. Ele se manifesta numa paixão amorosa e nos seus efeitos transferenciais, mas também no reconhecimento de certas zonas de loucura que habitam cada sujeito, ou naqueles momentos em que o objeto de desejo se converte em objeto de necessidade, ou ainda no fenômeno social do autocancelamento, entre outros. É como se a autora tivesse me ajudado a reconhecer a amplitude da analogia freudiana e, ao mesmo tempo, a sua presença na minha própria clínica.²

Os fragmentos que seguem tentam trazer para cá algo dessa escuta das formas atuais do incêndio no teatro, presentes em *Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica*.

A CAPA

A imagem que consta na capa é reveladora. Trata-se de uma pintura de Giovanni Segantini, intitulada *The Bad Mothers*, de 1894. Nela encontra-se um cenário quase glacial — uma espécie de lago congelado, com uma árvore seca no meio —; e, num dos galhos da árvore, que mais parece um redemoinho, encontra-se uma mulher nua e ardente. “Ela [a imagem] cumpre representar a proposta do presente livro”, escreve Berta, “transmitir o contraste entre a paisagem fria e um núcleo febril aprisionante” (Azevedo, 2025, p. 29). Uma imagem forte e análoga à da própria Terra, em que a superfície sólida e definida contrasta com um núcleo quente e disforme.

O objeto de investigação analítica do livro é justamente a interação entre esses dois lados tão antagônicos: “a loucura do Eu tomado pelas paixões, o enamoramento apaixonado, as relações passionais, a paixão secreta da loucura privada, as defesas paradoxais, as psicoses” (p. 22). A autora revela uma sensibilidade aguçada para esses momentos em que a loucura privada irrompe na cena analítica — e nos ajuda generosamente, tanto mostrando os instrumentos de que se vale quanto nos incentivando a criar os nossos próprios.

“Se um psicanalista quiser acompanhar as lógicas do pensamento louco, estar acima da loucura não é uma opção; ele precisará caminhar a seu lado, recebê-la com hospitalidade clínica e disposição imaginativa.” Para então formular uma pergunta que atravessa o livro: “Mas como, então, aprender essa linguagem tão estranha e íntima?” (p. 24). Como habitar analiticamente essa cena em que o magma irrompe?

É um livro que nos acompanha naquilo que Freud considerava um dos pontos mais difíceis da clínica: o manejo da transferência em situações passionais.

UM CASO PARADIGMÁTICO

O primeiro caso apresentado ilustra bem esse aspecto. Frida, uma jovem perspicaz, rechaçava implacavelmente os erros — os alheios e, sobretudo, os seus. Também rechaçava as marcas de sua história: “as rupturas primárias na infância, vivida em uma cidade pobre e violenta” (Azevedo, 2025, p. 33) — apenas considerava tudo isso bobagem. E assim se conduzia na vida, guiada por um “ideal de autossuficiência” (p. 34).

² E não seria essa uma boa forma de se apropriar da herança freudiana? Em vez de corrigir Freud, simplesmente voltar a olhar para o mundo — com ele.

Até que surgiu algo novo e mundano: apaixonou-se. “O trágico não vem a conta-gotas”, escreve Guimarães Rosa (2009, p. 79). Frida reconheceu-se “atraída por um homem, desperitada eroticamente e querendo viver o mundo excitante fora de casa” (Azevedo, 2025, p. 34). E foi vivê-lo.

Mas voltou machucada, interpretando “cada gesto a partir de então como evidente sinal de desprezo e desinteresse” (p. 34). Humilhada por sua vulnerabilidade, passou a culpar a analista. “Mergulhávamos numa paixão transferencial. Acusou a análise e a analista de terem destruído sua vida. Já não parecia claro de qual das duas partiam as fantasias que ela ousou realizar” (p. 35). Nesse ponto, delineia-se com nitidez a situação clínica (e crítica) na qual o livro se detém. Tal como alerta Freud: o psicanalista “trabalha com as energias mais explosivas e necessita de cautela e escrupulosidade de um químico” (2010, p. 227).

A análise, que estava por um fio, contudo, sobreviveu: “eu tratava de suportar ser destruída e insistir em me manter investindo” (Azevedo, 2025, p. 36). A analista recorre então a uma imagem: “quando está muito difícil para alguém conviver com uma cicatriz que tem no punho, por exemplo, pode surgir uma vontade de amputar o braço inteiro, como tentativa de se ver livre da marca” (p. 36). Frida se interessa pela imagem e a complementa dizendo que, ao se afastar das amigas, talvez quisesse também cortar os outros de sua vida. “Eliminar as testemunhas?”, pergunta a analista; e Frida confirma, rindo. Mas testemunhas do quê? Qual representação havia surgido que era tão intolerável? Testemunhas de sua *fome de outro* (p. 36).

Ao final, surge uma recordação. Falando de uma área especialmente excitável de seu corpo, Frida conta que “foi acariciada nessa região no fatídico encontro e que, desde então, nunca mais pôde encostar ou se deixar tocar ali, nem para se higienizar no banho” (p. 37). Aquilo que atuava em análise pôde ressurgir como recordação. *Recordar*, numa etimologia clínica, é “fazer passar de novo pelo coração” (Herrmann, 2003, p. 102). “Os caminhos pelos quais tentava negar o traumático” (Azevedo, 2025, p. 37), que até então eram celebrados na análise — ou seja, presentificados transferencialmente —, puderam enfim ser comemorados com a analista, tornando-se memória partilhada.³

O PERCURSO

O livro reúne textos escritos ao longo de 15 anos. Os primeiros capítulos focam mais na irrupção da loucura privada no campo psicanalítico: nos pontos de ebulição transferencial, na diferenciação entre loucura e psicose, nos apaixonamentos corriqueiros, na tendência à fuga da dor. Em seguida, em dois capítulos, a autora desenvolve a metáfora geológica do abalo sísmico para pensar nos efeitos do trauma no funcionamento do eu, bem como nos efeitos de despersonalização e desrealização. A partir daí, há uma série de capítulos que tendem para a clínica extensa: tratam do fenômeno da desobjetalização na pandemia, no autocancelamento (preciosa análise, por sinal) e na passagem do silêncio ao testemunho (em um comentário de um poema sobre *Édipo Rei*).⁴ Berta, que transita com desenvoltura por diversos autores da psicanálise contemporânea, encerra seu livro com dois capítulos, lembrando-nos de... Freud: da sexualidade e da atualidade de sua leitura.

Uma observação final. As ferramentas que a autora utiliza para dar conta da situação clínica destacada (possivelmente explosiva) são múltiplas: criatividade, paciência, presença viva, metaforização, testemunho, construções... Mas há uma fina ideia que percorre o livro,

³ Como aponta Juliana Lang Lima, na apresentação do livro: “Desse processo, surge um trabalho profundamente original, no qual transparece uma analista criativa, sem medo de ser inventiva e de compartilhar com o leitor seus pensamentos, suas dúvidas e, também, as intervenções que utiliza em situações disruptivas, que evidenciam vestígios de traumas precoces nos sujeitos em análise” (Azevedo, 2025, p. 18).

⁴ Note-se que é “um livro de grande interesse, e não só para psicanalistas”, como observa Renato Mezan (Azevedo, 2025, orelha).

e que é transmitida com delicadeza: todos esses recursos só adquirem eficácia terapêutica se o analista for poroso à sua própria loucura. Em outros termos (mais filosóficos): alteridade e ipseidade caminham juntas — só é possível reconhecer o outro do outro (alteridade), se eu reconheço o outro em mim (ipseidade). Ao magma alheio, o magma íntimo.⁵ Assim termina o relato clínico de uma adolescente: “Com um sorriso simpático, ela [a paciente] afirmou: ‘Não acredito que encontrei uma analista mais louca do que eu’” (Azevedo, 2025, p. 92).

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, B. H. *Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica*. Blucher: São Paulo, 2025.
- FREUD, S. *Observações sobre o amor de transferência*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 10). (Trabalho original publicado em 1915).
- HERRMANN, F. *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- ROSA, J. G. Desenredo. In: ROSA, J. G. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

Artigo Recebido: 6 de abril de 2026

Artigo Aceito: 16 de junho de 2026

⁵ “A clínica é sempre a de uma loucura”, escreve Daniel Delouya no prefácio, “porém a loucura dos casos-limites tem todo o poder de nos tornar, pela paixão, analistas” (Azevedo, 2025, p. 14).